



QUINZE ANOS
— do —
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

Simone Eliza do Carmo Lessa
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022



QUINZE ANOS
— do —
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

Simone Eliza do Carmo Lessa
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Quinze anos do PET serviço social: memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Simone Eliza do Carmo Lessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q7 Quinze anos do PET serviço social: memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados / Organizadora Simone Eliza do Carmo Lessa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0475-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.750221508>

1. Serviço Social. I. Lessa, Simone Eliza do Carmo (Organizadora). II. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicamos esse livro à memória da
Professora Monica Alencar

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a jornada compartilhada a todas as tutoras, a todas e todos estudantes petianos. Agradecemos também aqueles que constroem o cotidiano do PET conosco, estudantes e professores da FSS, PET de Odontologia e Geografia, colegas assistentes sociais que estiveram em nossas atividades, comunidade externa.

Nosso carinho especial à memória da Professora Monica Alencar, tutora competente e amorosa.

Uma vez petiano/a, sempre petiano/a.

O PET existe, porque resiste.

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado do trabalho coletivo dos últimos três anos e meio do PET Serviço Social da UERJ. Suas reflexões reúnem a culminância de quinze anos de trabalho cuidadoso de seis tutoras e quase seis dezenas de estudantes que passaram pela rica experiência pedagógica de estar longamente em uma proposta de ensino-aprendizagem que reúne o ensinar, pesquisar e fazer extensão, em uma universidade pública, diversa, defensora e executora de política de cotas, que recebe muitos filhos e filhas da classe trabalhadora.

Com alegria, empenho e orgulho reunimos nossas recentes reflexões.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 1

CAPÍTULO 1..... 2

A IMPORTÂNCIA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ NA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E NA CONSTRUÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DEMOCRÁTICA E PLURAL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215081>

CAPÍTULO 2..... 8

GÊNERO, RAÇA E CLASSE: PRESENTES NA TEORIA E NA PRÁTICA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215082>

CAPÍTULO 3..... 14

O PERFIL DOS PETS DA UERJ: APRENDIZADOS MÚLTIPLOS, TRABALHO COLETIVO E PERMANÊNCIA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215083>

CAPÍTULO 4..... 30

VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A TUTORIA DO PET SEREVIÇO SOCIAL - ENTREVISTAS COM AS TUTORAS EGRESSAS

Thayná Osório Monteiro
Catarina Almeida dos Santos
Danielle Gomes de Oliveira
Fernanda Cristina de Assis Silva
Heliziane Franco de Oliveira
Jônatas dos Reis Nogueira
Larissa Cardozo Teixeira
Liandra Priscilla Paz Santos
Luana El-Amme Jayme
Mayara Mendes de Oliveira
Natalia da Silva Neves
Rosiane Bettecher da Silva
Renan Barros
Larissa Gonçalves Gomes
Isabela de Araújo dos Santos
Bruno Hiago dos Santos Ferreira
Lucas Simplicio
Simone Eliza do Carmo Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215084>

CAPÍTULO 5..... 49

PET SERVIÇO SOCIAL UERJ 15 ANOS DE MEMÓRIA: A CONJUNTURA POLÍTICA DO BRASIL ENTRE O PERÍODO DE 2006 A 2021 E OS IMPACTOS GERADOS NO

PROGRAMA

Thayná Osório Monteiro
Catarina Almeida dos Santos
Danielle Gomes de Oliveira
Fernanda Cristina de Assis Silva
Heliziane Franco de Oliveira
Jônatas dos Reis Nogueira
Larissa Cardozo Teixeira
Liandra Priscilla Paz Santos
Luana El-Amme Jayme
Mayara Mendes de Oliveira
Natalia da Silva Neves
Rosiane Bettecher da Silva
Simone Eliza do Carmo Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215085>

SOBRE OS AUTORES 53

INTRODUÇÃO

Ser tutora de um programa como o PET é uma experiência pela qual ninguém passa ileso. As marcas são muitas e nos fazem crescer: trabalho, aprendizado, debate e decisões coletivas, cultivo de amizades. O cotidiano no Programa nos dá a oportunidade de acompanhar intensamente o desenvolvimento de um grupo de estudantes ao longo da graduação, conhecendo-os em seus contatos iniciais com a universidade, a profissão, passando pelo estágio, pela construção de suas pesquisas, projetos de intervenção, TCCs, chegando em muitos casos, à conclusão do curso. Há muito tempo de convívio e de trocas nesta caminhada coletiva.

Além disso, o programa tem como princípios as práticas coletivas, democráticas, partilhadas de modo horizontal, o que permite uma aproximação ainda maior com os estudantes. Por isso, o PET é um importante espaço de aprendizado estudantil e docente, que nos desenvolve e envolve do ponto de vista pedagógico, crítico, reflexivo e científico.

Neste livro queremos partilhar artigos construídos na caminhada do programa, com destaque para os últimos três anos e meio. Estes foram elaborados em resposta às demandas da realidade, na maior parte do tempo, no contexto da pandemia diante dos muitos desafios que esta experiência trouxe para todos nós: atividades remotas emergenciais e os muitos aprendizados solicitados, dificuldades financeiras aprofundadas por períodos de instabilidade das bolsas, fragilidades das redes de internet, crescimento do sofrimento físico e mental na universidade. Passamos por esses momentos de percalços entendendo o PET também como espaço de afeto e acolhimento. A pergunta “como estamos” fez parte dos nossos encontros remotos e nos ajudou durante o isolamento social. Por agora estamos retomando a energia vital que o presencial nos traz. São tempos de retomada, de esperança e de luta.

Nosso livro é expressão desse momento esperançoso. Nele apresentamos reflexões construídas ao longo dos últimos três anos e meio. Aqui apresentaremos reflexão sobre os sentidos do PET, sua relevância para a permanência, debateremos o perfil dos petianos da UERJ, bem como falaremos da experiência das tutoras que coordenaram o programa. Para tanto, realizamos diálogo com autores do Serviço Social, como Almeida (2012) e Lima (2009) e Zago (2006) também da Educação como Frigotto (1993).

O que nos move no empenho em dividir reflexões é a memória das lutas e do aprendizado do PET. Por isso, queremos comemorar e rememorar. Estamos vivos, vivas e, agora, ao vivo.

VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A TUTORIA DO PET SEREVIÇO SOCIAL - ENTREVISTAS COM AS TUTORAS EGRESSAS

Thayná Osório Monteiro

Catarina Almeida dos Santos

Danielle Gomes de Oliveira

Fernanda Cristina de Assis Silva

Heliziane Franco de Oliveira

Jônatas dos Reis Nogueira

Larissa Cardozo Teixeira

Liandra Priscilla Paz Santos

Luana El-Amme Jayme

Mayara Mendes de Oliveira

Natalia da Silva Neves

Rosiane Bettecher da Silva

Renan Barros

Larissa Gonçalves Gomes

Isabela de Araújo dos Santos

Bruno Hiago dos Santos Ferreira

Lucas Simplicio

Simone Eliza do Carmo Lessa

sua caminhada, dificuldades e potencialidades.

DESENVOLVIMENTO

O Programa de Educação Tutorial (PET) do Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), completa 15 anos em 2021, por conta disso o grupo decidiu fazer algumas ações comemorativas. Uma dessas ações foram entrevistas feitas com as antigas tutoras do programa, com o intuito de conhecer/saber um pouco mais como era a dinâmica do PET e a conjuntura do país quando elas atuaram na tutoria, identificando rebatimentos que a conjuntura e que governos traziam para o PET. As entrevistas serão apresentadas segundo a cronologia das tutorias.

Os roteiros foram construídos pelo grupo coletivamente e as entrevistas realizadas por 04 grupos de bolsistas, em encontros com cada uma das tutoras. Nosso objetivo é resgatar as memórias, experiências e conjunturas vivenciadas pelas tutoras que construíram o PET na FSS e na UERJ. Nossa hipótese é de que o cotidiano do PET impacta nas experiências pedagógicas das docentes, além de influenciar o aprendizado e a permanência estudantil, como refletido em outros textos do presente material.

A realização das entrevistas é uma forma de conhecer e homenagear essas mulheres, docentes, assistentes sociais, que ensinaram e

RESUMO: O presente texto apresenta a integralidade das reflexões e conteúdo levantados a partir das entrevistas com as ex tutoras do Programa. A partir deste conteúdo resgatamos as memórias do Programa na Faculdade de Serviço Social, conhecendo elementos de sua história,

aprenderam no cotidiano do Programa. Nosso desejo é de que todas se sintam fundamentais na formação petiana. Da mesma forma, que se sintam queridas e importantes para cada estudante que, com elas, estruturaram o PET, porque de fato, são.

Nossa homenagem especial à memória da tutora Mônica Alencar que nos deixou recentemente, mas que permanece firme, viva, querida e admirada pelo PET Serviço Social. Mônica Alencar, presente!

Rosângela Barbosa foi a primeira tutora do PET Serviço Social UERJ e precursora do Programa. Construiu a experiência no ano de 2009. No edital divulgado pelo MEC viu uma oportunidade de articular Ensino, Pesquisa e Extensão. A professora não tinha conhecimento do programa e na universidade só havia o PET Geografia e Odontologia. O PET despertou seu interesse pela articulação do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, por seu financiamento próprio, as bolsas além de ser um projeto que gerava certa independência da Universidade.

Quando é abordada a respeito da tutoria do programa, Rosângela afirma que é uma vocação assumir tal função e que não é qualquer pessoa que tem habilidade e interesse em exercer a tutoria com alguém, mas que no Serviço Social nunca surgiram problemas relacionados a essa responsabilidade.

Quando é abordada a respeito da tutoria do programa, Rosângela afirma que é uma vocação assumir tal função e que não é qualquer pessoa que tem habilidade e interesse em exercer a tutoria com alguém, mas que no Serviço Social nunca surgiram problemas relacionados a essa responsabilidade.

Quando perguntada se na sua época de tutoria o contexto da UERJ afetou de alguma forma o programa, a professora afirma que na sua gestão não existiu nenhuma interferência da situação da UERJ ao PET. A dificuldade apresentada foi a questão da compreensão, por parte da reitoria em entender o que seria o PET. Foi muito importante buscar reconhecimento e visibilidade para o programa, inserindo-o em atividades acadêmicas como a UERJ Sem Muros.

Rosângela destaca que a concepção de que programa deveria receber jovens que tenham interesse em se manter na universidade fazendo uma pós graduação ainda se manteve na sua época de gestão. A irregularidade das bolsas e seu baixo valor eram problemas. Neste contexto, o dinheiro das bolsas tanto para o tutor quanto para os alunos chegavam em blocos e depois disso era feita a distribuição das mesmas, gerando os atrasos. O financiamento que o grupo recebe anualmente, chegava próximo ao prazo final para ser utilizado, gerando um certa urgência para a utilização do dinheiro. Outro problema relatado pela ex-tutora foi em relação à articulação com os outros PETs da Universidade, o de odontologia e Geografia. A característica do programa é existir em articulação entre os programas. Por isso, foi preciso investir neste processo.

Durante seu relato, a ex tutora Rosângela colocou que houve um processo de luta para que o PET alcançasse o lugar que ocupa hoje na universidade. E nesse contexto, foi perguntado quais foram os êxitos resultantes desse processo e o que ela observou como conquista. Ela pontuou que só poderia falar sobre a experiência de implementação do programa porque não acompanhou de perto o andamento das tutorias seguintes.

Respondendo o que foi colocado, Rosângela relata que a própria implementação do programa foi uma vitória. A articulação com os outros grupos PET nos eventos do programa também foi colocada como um ponto positivo. Ela ressaltou um ponto importante: é possível que o PET hoje não tenha mais a mesma função que tinha para o MEC naquela época (e, de fato, não tem). No atual governo Bolsonaro, é difícil traçar com precisão o papel do projeto educacional nas universidades. Na época da primeira tutoria, havia uma outra perspectiva e um outro contexto, levando em conta que o Ministro da Educação, Fernando Haddad, também tinha sido tutor de um Grupo PET da Universidade São Paulo (USP) e promoveu a valorização das ações do programa.

O Programa vinha de um período de transição para o Ministério da Educação, saindo do CNPq e ainda não tinha uma identidade. Com Haddad, houve a implementação de uma condução e avaliação mais transparente das ações dos programas.

Retomando o assunto sobre o que ela considera como êxito do PET Serviço Social, Rosângela diz que fazer o programa conhecido dentro da UERJ foi muito importante e que os programas de extensão têm papel fundamental nesse processo. Todas as atividades que foram criadas tiveram sua importância, mas as de extensão tornaram público o PET e o abriram à participação da comunidade externa sobre o que era desenvolvido pelos bolsistas.

A divulgação de atividades e debates eram ações fundamentais para o programa. Como exemplo, foi citado o Mural Informativo que ficava exposto no corredor do oitavo andar. O grupo promovia estudos internos sobre determinado tema e depois o conhecimento construído era compartilhado com a comunidade que circulava nos corredores. As oficinas que aconteciam entre os petianos também foram muito importantes, pois nelas os alunos aprendiam a programar, organizar e divulgar os eventos de uma forma eficiente. Havia uma preocupação de como as atividades poderiam atingir a universidade e trazer a participação de outras pessoas. Nesse sentido, era importante atentar para o bom uso dos meios de comunicação e divulgação internos. Esta conduta era parte da estratégia de tornar o PET conhecido, além de dar visibilidade à característica ética e humanista das atividades.

Outro êxito que a professora destaca foram as pesquisas desenvolvidas, que desdobraram-se em trabalhos de conclusão de curso, dando continuidade aos assuntos debatidos internamente. Outro tema que foi trazido foi a importância da bolsa que o programa oferece aos tutores. Foi colocado que na época da implementação do programa, as bolsas sempre atrasavam, mas ainda assim, eram importantíssimas. Levando em conta a grande

proporção de trabalho demandado pelo programa e o nível de dedicação às atividades de ensino, pesquisa e extensão, somadas às demandas individuais dos bolsistas que são atendidas pelo tutor, a bolsa tem um lugar fundamental visando estimular os resultados.

Também foi perguntado à professora quais foram as contribuições e influências que ela acredita ter deixado no programa. Ela coloca que acredita ter ficado pouco tempo para ter deixado grandes contribuições e que a maior delas foi ter trazido o programa para a Faculdade de Serviço Social da UERJ. Se o edital não tivesse sido aproveitado naquele período, talvez não houvesse outra oportunidade pela falta de divulgação de novos editais para implementação de novos programas. O acesso ao PET pela FSS, foi uma importante contribuição, portanto. Inclusive na época, ela promoveu a divulgação do edital entre outras unidades da UERJ, mas não houve demonstração de interesse na criação de novos projetos.

Quando perguntada sobre qual a importância do programa PET na sociedade, a professora cita a qualificação da graduação e a formação de profissionais com experiência científica alargada que possibilita a ampliação de quadros de profissionais que vão direto para a pós-graduação, que é uma das naturezas do programa. Esse profissional mais qualificado vai poder atuar em políticas e pesquisas desenvolvendo atividades de maior qualidade para sociedade.

Já em relação a qual momento mais marcou a sua trajetória dentro do programa, a professora menciona a relação com os estudantes, o acompanhamento passando do início, meio e fim, na conclusão da graduação dos alunos, analisando a trajetória de amadurecimento destes. Rosângela analisa que uma das características positivas de um programa de longo prazo é construir laços com esses estudantes, enquanto observa a interação deles com a universidade, o que é uma experiência social nova para cada um deles.

Na última pergunta, “Como o PET influenciou na sua pessoal e profissional?”, a professora revela que do ponto de vista profissional, estar no PET a fez buscar recursos para a Universidade. A professora destaca que vem de uma geração docente que buscou ampliar recursos para inserir mais alunos nas práticas acadêmicas.

A professora Rosângela analisa também que o PET permitiu conhecer melhor um programa federal. Relembra que aprendeu na marra a fazer o PET funcionar, articulando ensino, pesquisa e extensão e orientando os alunos nessa atividade. Para ela, desenvolvimento de tutoria foi especial, tanto em auxiliar na direção dos projetos em curso, quanto também no saber identificar o limite da autonomia dos estudantes, bem como por amparar os estudantes para produzir sua própria autonomia, respeitando sempre o compromisso do trabalho acadêmico com a qualidade, o humanismo e a ética. Outra influência é o exercício da convivência acadêmica com alunos com personalidades tão distintas. Isso marca também os próprios estudantes, que durante anos convivem muito

e mantém o intuito de desenvolver projetos coletivos e crescer. O PET é, portanto, uma grande experiência de companheirismo entre estudantes e tutora.

A segunda tutoria foi assumida pela professora Alba em 2008. Quando perguntada sobre o que a motivou a fazer parte do PET, a Professora nos disse que já conhecia um pouco da história do Programa e ter um grupo na unidade de ensino era de uma importância muito grande. Além disso, queria participar desse acompanhamento da graduação dos alunos dentro dos eixos de Ensino, Pesquisa e Extensão. Para ela, esse processo aperfeiçoaria a sua prática como educadora.

Quando perguntada sobre o período em que participou do Programa e o contexto histórico vigente, a professora nos diz que foi tutora durante os anos 2008, 2009 e 2010, que era o fim do segundo mandato do governo Luiz Inácio da Silva, que dava continuidade à política econômica dos governos Fernando Henrique Cardoso, articulando-a a políticas compensatórias, tais como: Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo, ProUni, FIES. A professora considera que esses programas se refletiram na UERJ e ampliaram o acesso ao ensino superior.

Ela lembra que, quando assumiu era professora de oficinas que eram dadas aos alunos cotistas. Continua dizendo que viu e percebeu a mudança no perfil dos estudantes que as políticas afirmativas provocaram. Além disso, nesse período, a bolsa permanência das cotas passou a perdurar por toda a graduação (antes era somente durante o primeiro ano de atividade acadêmica).

Ao ser questionada sobre como a sua tutoria impactou o grupo, a professora respondeu que desde o início, buscou desenvolver o projeto e as atividades permanentes que a tutora antecessora tinha planejado. Nesse período, o PET teve a ideia de criar uma jornada semestral de apresentação das pesquisas dos pós-graduandos da Faculdade de Serviço Social. Assim, materializavam-se os minicursos que realizamos até hoje. Neste sentido, Alba destaca que tal articulação contribuiu para o Programa de Pós, pois possibilitou que os alunos concretizassem as horas de aula que precisavam ter, além de permitir que os petianos/as experimentassem a seleção das propostas, fizessem sua divulgação, efetivação, avaliação e certificação, aprendendo muito no processo.

Foi perguntado sobre quais foram as suas maiores dificuldades e êxitos durante a sua tutoria. Quanto às dificuldades, cita a gestão administrativa, pois as prestações de contas e compra de materiais dependiam de recursos que sempre atrasavam. Também comenta que só recebeu bolsa em um ano, pois o planejamento atrasou para chegar ao Ministério da Educação.

Outra dificuldade mencionada foi a participação do ENPES, que seria na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nesse sentido, conta que conseguiram recursos para compra de passagem, mas não havia dinheiro suficiente para que o grupo

todo conseguisse custear a hospedagem. A partir disso, Alba relata que tomou a iniciativa de entrar em contato com a gestora do curso de Serviço Social, na UFES. A partir disso, foi feita uma articulação para que os/as alunos/as do PET/FSS UERJ se hospedassem nas residências dos/as integrantes do PET/FSS da UFES, algo que depois também se inverteu quando os/as mesmos/as necessitaram vir ao Rio de Janeiro. Essa foi uma experiência bastante marcante e positiva, que valorizou as trocas entre os grupos e permitiu vivências e aprendizados diversos.

Outro ponto positivo de sua tutoria foi que houve uma articulação com o programa idiomas para a comunidade externa à UERJ (LICOM) e os petianos puderam ter acesso a diversos cursos, permitindo acesso a um aprendizado difícil de ser custeado pelos jovens e suas famílias.

Destaca que sua experiência enquanto tutora se deu sob a ideia de fortalecendo do grupo: todos devemos nos apoiar. Outra conquista foi o espaço da sala do PET, que passou por uma ampliação, algo que se fez necessário devido ao crescimento quanto ao número de petianos/as no PET/FSS UERJ.

Ao ser perguntada sobre os impactos do PET para a Faculdade de Serviço Social, a professora destacou que o Programa participava intensamente da semana de iniciação científica, o que trazia visibilidade para o trabalho. Outra atividade era o debate com alunos calouros que eram levados a conhecer o PET e a FSS. Na ocasião tinham também o primeiro contato com os grupos de pesquisa e de extensão. Com isso, a Faculdade apoiou bastante o PET e vice-versa. Para a tutora o PET esteve sempre presente e visível na unidade. Outra atividade importante era a discussão de textos e artigos e o café com autoras, que consistia em dialogar com nomes de referência da área de Serviço Social.

Já quando a pergunta foi sobre a importância da bolsa para a tutoria, a professora respondeu que no contexto de que os direitos do trabalhador e do estudante vão sendo represados, sendo esvaziados, a bolsa é bem fundamental. Ela pontuou que as bolsas não podem ser ameaçadas. Pelo contrário, o pagamento deveria ter correção da inflação, pois precisa acompanhar os custos que o aluno tem. O professor-tutor exerce essa cargo-horária para além do previsto no plano de trabalho, por também ser professor da universidade.

Em seguida, foi perguntado sobre as contribuições e influências deixadas no Programa. Alba analisa que a influência tem marca coletiva, pois, de acordo com as palavras dela “Cada um vai somando um pouco”. Além disso, ela traz à tona a importância de ter dado continuidade ao planejamento que a professora Rosângela criou. Já em relação a importância do PET para a sociedade, ela responde que os alunos petianos produzem conhecimento de qualidade e saem como profissionais qualificados, o que é o grande retorno do Programa para a sociedade. Por fim, a ex tutora afirma que tudo era muito bom e que guarda excelentes lembranças.

Também entrevistamos a ex-tutora Elaine Marlova. Ela se candidatou para o programa no final de 2009. Menciona que veio, na ocasião, de muitos cargos de gestão da faculdade e viu no PET a oportunidade de se reconectar com a graduação. Marlova relata que a imagem que tinha do PET era a do início dos anos 1980 e 1990, onde se buscava os/as alunos/as de excelência, os/as que tinham as notas mais altas. Então, criava-se um grupo de excelência dentro da faculdade, e que ao decorrer da sua gestão foi aprendendo sobre o PET, suas potencialidades e suas mudanças.

Marlova entrou no PET no final do governo Lula e início do governo Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT). Diz que a UERJ passava por momentos difíceis, mas que ainda não tinha sido o momento mais grave, que o PET vivenciaria depois. Ela segue falando sobre os feitos deste governo à época, com as universidades públicas, sobretudo as federais sendo reformadas para atender um número maior de estudantes, os cursos noturnos sendo criados, a implementação do sistema de cotas nas federais.

Sobre a conjuntura, ela acaba falando também da UERJ, relatando que o Programa em si vai sofrendo os impactos nos diferentes governos. Em seguida, diz que durante a sua tutoria, o pagamento das bolsas ganha uma estabilidade, mas por outro lado relata a fragilidade para o recebimento da verba de custeio, que chegava no início de dezembro para ser usada até dia 20 do mesmo mês. Eram 15 dias para usar o valor de um ano inteiro e depois prestar contas. Essas questões, segundo a ex-tutora, comprometiam o planejamento das atividades.

A ex-tutora dá continuidade dizendo que somente em 2012 a UERJ começa a se preocupar mais com a institucionalização do Programa dentro da universidade, e que nesse momento ocorreu uma mudança na até então chamada SR1. É criada a Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação (COPEI) trazendo uma interlocutora para ficar à frente desse contato com o MEC, a professora do Instituto Biomédico Paula Barradas. Com esse passo para institucionalização do Programa, veio também a esperança da criação de grupos PET institucionais, como existem em outras universidades, mas isto não chegou de fato se concretizar, por questões de financiamento da própria universidade.

Marlova relata que em sua tutoria vivenciou também a transição para uma maior institucionalização do Programa dentro do MEC, o que o deixa melhor regulamentado. A professora também demarca um PET bem elitista, citando que alguns grupos realizavam provas de inglês em suas seleções. A professora afirma que sua tutoria é marcada por um momento de consolidação do programa nacionalmente.

Em relação a como o contexto histórico pode impactar o programa, a professora ressalta as Portarias de 2010¹, e a importância delas na democratização do acesso ao PET,

1 Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010 - Atualizada pela Portaria nº 343/2013 – dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial. A Portaria 976/2010 trouxe inovações para a estrutura do PET como, por exemplo, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão do PET.

saindo do perfil elitista, buscando que de fato ele fosse um programa de apoio à graduação. Negativamente ela diz que o PET poderia ser um programa descartado, por usar base legal frágil, mas quando olhamos para a sua história, vemos que ele resiste, mesmo diante de tantos ataques, inclusive no governo FHC. Sempre fica na corda bamba, mas não chega a desaparecer, pois é relevante e sempre há resistência ao seu redor. Nesse sentido, ela diz que se os/as petianos/a precisam se organizar, pois, só eles podem cuidar do PET.

Quando perguntada sobre as suas maiores dificuldades e êxitos durante sua tutoria, a entrevistada coloca que um dos pontos mais interessantes foi a diversidade “geracional” do grupo naquela época. Relata que havia integrantes de duas tutorias anteriores que proporcionaram uma adaptação mais tranquila aos novos, transmitindo tudo sobre o Programa, visto que tinham conhecimento aprofundado do seu funcionamento. Logo, destacou a horizontalidade na gestão do grupo como aspecto bastante positivo.

Pontuou também, que a instituição da Portaria de 2010 trouxe muitos benefícios para o Programa, possibilitando a ampliação de 12 vagas por grupo, mais voluntários e também visava maior integração dos grupos PET.

Deste modo, a tutora exemplificou a ocorrência de diversos INTRAPETS que culminaram na atividade conjunta realizada em Ilha Grande no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), na qual o Serviço Social e a Geografia tiveram uma troca de saberes bastante efetiva.

No que diz respeito às principais dificuldades, a entrevistada pontuou a não realização de atividades de extensão com a comunidade externa; a fragilidade de financiamento do Programa e as dificuldades financeiras para que todo o grupo possa participar dos encontros nacionais e regionais. Além disso, vê a falta de comunicação entre os grupos PET como um problema.

Em relação ao impacto do PET na Faculdade de Serviço Social, a professora coloca que o principal é a qualificação da formação na graduação. Acrescenta que a relação entre o grupo e a unidade sempre foi de muita parceria. Dessa forma, acredita que toda universidade deveria ter grupos PET's e todos os estudantes e docentes deveriam ter acesso. Isso porque, o Programa contradiz a lógica corporativista da Universidade que pode ser bem hostil para estudantes e docentes devido a processos de produtividade, competitividade e individualização. Sendo assim, o PET “É um mico-leão-dourado que temos que preservar”, porque o Programa dá uma amostra para a sociedade de quão boa pode ser a Universidade Pública, mesmo em tempos de ensino remoto.

Quando perguntada sobre a importância da bolsa para a tutoria, Marlova diz que é importante para motivar o docente a se candidatar para o Programa, pois ao assumir a tutoria, acaba realizando uma carga horária extra às suas atividades obrigatórias na universidade.

Já em relação às contribuições que a professora acredita ter deixado para o PET, a entrevistada responde que não consegue mensurar em quantidade suas contribuições ou influência para o PET. Contudo, disse que consegue visualizar algumas propostas que consolidaram durante sua tutoria, como a autonomia dos estudantes na realização das tarefas; a participação nos eventos regionais e nacionais; as discussões sobre os rumos do PET; os grupos de estudos; o desenvolvimento de valores solidários entre os membros do grupo; e a promoção de experiências mais humanistas de pesquisa e trabalho profissional.

Quanto a importância do Programa para a sociedade, a ex tutora disse que na sua compreensão, o maior impacto do PET é pensar e oferecer possibilidades de novas metodologias de ensino e de vivência acadêmica e que apesar de ser um programa antigo, traz uma novidade na forma de pensar a possibilidade da construção coletiva, da autonomia e da liberdade de criação. Menciona também que o PET demonstra que os estudantes podem ter projetos individuais de pesquisa, sendo um lugar que possibilita que essas ideias apareçam e que sejam desenvolvidas.

Em seguida, responde sobre qual o momento foi mais marcante durante a sua trajetória. Nesse ponto, Marlova diz que o que mais a marcou foi se dar conta que apesar do PET ser um programa pequeno, era muito potente. E que ao participar dos encontros nacionais se sentiu parte de uma comunidade que vê uma estratégia diferente de abordagem e metodologia no Ensino Superior. Também ressalta a tríade e a forma que o programa transita por todas as três dimensões de ensino, pesquisa e extensão.

Perguntada sobre a relação entre a UERJ e o Programa, Marlova conta que durante a sua tutoria a relação entre o programa e a UERJ se dava através de uma interlocutora, uma profissional contratada, que coordenava todas as questões do PET dentro da universidade, como as bolsas e a interlocução com o MEC. Também fala que por ser uma profissional contratada, os tutores tinham medo do contrato dela acabar, já que era a única pessoa que entendia sobre o funcionamento do programa. A chegada de uma interlocutora efetiva, posteriormente, foi um ganho.

Por fim, a ex-tutora diz que acredita que o programa a tornou uma pessoa melhor e uma professora melhor também, já que depois que passou pelo PET, se tornou uma docente mais atenta ao estudante, ouvindo mais e mais ligada às questões da graduação. Coloca que antes do programa, estava muito na pós-graduação e a partir do PET, se realocou.

Diz que crê que todos que passam pelo PET melhoram no sentido da escuta, e que o programa possibilita que você observe mais atentamente aquilo que o outro diz e o que se deve mudar no próprio comportamento.

Coloca que a partir do programa, acabou tendo outra percepção da universidade, já que conheceu aspectos do ensino superior que desconhecia. Termina dizendo que o saldo sempre foi muito positivo e que talvez tenha até aprendido mais do que tenha deixado, e

que por isso, é muito grata e muito honrada pelo PET.

A seguir, faremos uma retrospectiva das principais experiências da tutoria de Mônica Alencar, que não pode ser entrevistada e nos deixou recentemente. A referida entrevista não ocorreu por motivos de saúde, por isso, realizamos uma pesquisa nos arquivos do PET; buscamos relatórios, artigos, textos e informações trazidas por bolsistas egressos.

A tutoria de Mônica teve início em 2013 e foi finalizada em 2016. Em meio ao processo de seleção para tutoria, em seu processo seletivo está explícito que seu conhecimento e interesse acerca do Programa ocorreu a partir do seu mandato como Vice-Diretora da FSS/UERJ quando lhe coube a tarefa de proporcionar as condições institucionais para o funcionamento do PET na Faculdade.

Com o objetivo de assegurar atividades baseadas na interdisciplinaridade e de endossar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, Mônica assumiu a tutoria do grupo Pet da faculdade de Serviço Social em 1º de março de 2013. Inicialmente foi realizada a pesquisa coletiva interdisciplinar “Projeto de Pesquisa Interdisciplinar Ação Integrada dos Grupos de Pesquisa PET-UERJ sobre a Comunidade de Dois Rios, na Ilha Grande-RJ” que produziu um perfil sócio-espacial de Ilha Grande e realizou um levantamento e atualização de dados pertinentes ao perfil sócio-econômico dos moradores locais da comunidade, através de pesquisa de campo com uso de fontes secundárias de pesquisa. Além disso, através da pesquisa em campo, foram investigadas as necessidades sociais apresentadas pela população da comunidade em termos dos serviços públicos nas áreas de saúde, habitação, educação, assistência social e a mobilidade da população local quanto ao uso e acesso de serviços imediatos como saúde, educação, lazer, possibilidades de consumo e outras necessidades básicas.

No ano de 2014 foi realizada a pesquisa coletiva “O PET na Universidade: concepções, práticas e experiências de sua trajetória na UERJ” que tinha como finalidade esclarecer os objetivos da educação tutorial através da reconstrução das possíveis diversidades de orientação, avaliar em que medida a educação tutorial cria as possibilidades para uma nova concepção relacionada à educação, em particular as práticas voltadas para a cidadania, além resgatar a trajetória histórica dos grupos PET na UERJ.

Nesse mesmo ano, foi produzido o “Evento 50 Anos de Ditadura” que apresentou os resultados dos estudos e pesquisas, desenvolvidos ao longo de todo o ano, em torno do tema “Ditadura Civil-militar e Serviço Social”; o evento contou com a participação de Marilda Iamamoto, nome histórico na resistência política da profissão no contexto da ditadura civil-militar e para o movimento de reconceitualização teórico-metodológica e ético-política do Serviço Social latinoamericano, e fez parte das atividades realizadas durante a Jornada Científica da FSS/UERJ que constituíram a agenda comemorativa dos 70 anos da Faculdade de Serviço Social da UERJ.

Foi também em 2014 que o PET Serviço Social UERJ participou da organização do XIV Encontro da Região Sudeste dos Grupos PET - Sudeste PET - que aconteceu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O nosso grupo integrou a comissão organizadora do evento e foi protagonista entre os grupos PET UERJ, atuando no planejamento das ações e atividades, o que rendeu conhecimento e experiências acerca de organizações de eventos em geral, que é reconhecido até hoje entre os/as bolsistas.

Em 2015, Núcleo de Terras e Habitação (NUTH) da Defensoria Pública do Município do Rio de Janeiro, junto à Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDEDICA) solicitou um levantamento de dados dos moradores da comunidade Metrô-Mangueira, localizada entre as Avenidas Radial Oeste, Presidente Castelo Branco e a Rua 8 de dezembro, próximo à UERJ.

A pesquisa foi realizada pelo PET em parceria com professores/as da Faculdade de Serviço Social, com o Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) e com alunos/as da Graduação de Serviço Social UERJ. Teve como objetivo embasar a Ação Civil Pública (ACP) para garantia da permanência das famílias que eram composta por crianças matriculadas em escolas e creches no entorno da Comunidade. Tendo em vista a proximidade das instituições de ensino (escolas e instituições de educação infantil) com a comunidade, o remanejamento precoce das famílias em questão acarretaria sério entrave para essas crianças, por isso, era necessário garantir a essas famílias que seus direitos humanos seriam resguardados. Desta forma a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro atenderia à população através de programas específicos de habitação de interesse social.

É importante registrar o depoimento dos/as bolsistas egressos/as contemporâneos à tutoria de Mônica que afirmam que através dessa tutoria o grupo desenvolveu ainda mais a autogestão e desenvolveu a autonomia e participação dos bolsistas nas decisões e atividades do programa, assim como as ações necessárias aos meios para realizá-las, o que levou ao amadurecimento de todo o grupo. Monica marcou o PET por sua competência, cuidado e afeto.

A tutora seguinte foi a professora Carla Almeida. Perguntada sobre o que a motivou em participar do PET, Carla relata que sua entrada já vinha sendo namorada e planejada há bastante tempo, nas tutorias passadas. Como professora já havia uma “admiração pelo programa e a formação que ele proporcionava aos estudantes”. No final da tutoria da Professora Mônica, Carla achou que era o momento oportuno para seu ingresso e para se dedicar ao programa.

Ela relata que teve receio no começo, com dúvida se “daria conta” sentimento que reflete o quanto o PET é bem visto na faculdade e o quanto proporciona uma formação e atividades de qualidade e seriedade. Foi motivada a buscar uma nova experiência e conhecer como era esse trabalho.

Em seguida ela responde qual o período (ano) que esteve no PET e qual foi o contexto histórico vigente durante sua permanência no programa. Ela diz que todas as tutoras que fôssemos entrevistar iriam relatar que foi um período difícil, já que na perspectiva no qual estamos inseridos e na dinâmica dos trabalhos, estamos na contracorrente em uma sociedade desigual, que reduz direitos.

Carla, ingressou em Março de 2016 e saiu em Março de 2019. Esse foi o período no qual ocorreu a crise no estado. Nesse ponto, Carla responde que a sensação era que a UERJ ia acabar, pois havia professores e técnicos sem salários e estudantes sem bolsas. A universidade estava fechada, sem atividades, sem limpeza e condições de funcionamento. Pensa que atualmente estamos na pandemia e esse período de 2016 foi um ensaio de como seriam as nossas vidas interrompidas.

Relata também que, por outro lado, a conjuntura que estávamos vivendo era de um processo duro em nível federal. Tivemos o *impeachment* da presidenta Dilma e 2016 também vimos o fortalecimento da direita no Brasil e como eles estavam se articulando.

A professora ressalta que desde os anos 1990, ainda nos processos de reconstrução da democracia, os conservadores estiveram se articulando em oposição ao avanço da vida democrática e dos direitos. Essa resposta veio em 2016 com o *impeachment* e depois se culmina nas eleições presidenciais com a eleição de Bolsonaro. Pela primeira vez a direita havia assumido a linguagem característica da esquerda de ir para as ruas, fazendo manifestação em favor do *impeachment*.

Reforça que esses acontecimentos se associam à situação da UERJ que vivia um momento de muita dificuldade, mas resistia com mobilização e eventos. Em 2017 experimentamos a invasão de eventos, discursos neofacistas e conservadores na universidade, onde “não se pode falar sobre gênero, pois consideram temas comunistas”, tensionamentos do que pode ou não ser dito na sala de aula.

Em seguida, Carla diz que no PET, no ano de 2017, o grupo estava começando a produzir a pesquisa de gênero, Carla relata que ficou preocupada com o tema que iriam abordar e que havia adiado ao máximo para não ir a campo enquanto não tivesse a aprovação do comitê de ética da pesquisa, pois teve receio de que houvesse retaliações e por isso precisaríamos de um respaldo institucional. “Foi um ano tenso para o país com a ascensão do Temer. As políticas começaram a sofrer retrocessos e a preocupação da UERJ era com a política de cotas, em garantir a permanência dos alunos e trabalhadores na instituição”.

Em seguida, responde como acha que o contexto histórico impactou no programa, seja de forma positiva ou negativa. “Sempre estávamos com medo do programa acabar, pois ele nasce com um propósito mais tradicional – de formar uma elite intelectual -- que depois é ressignificado, principalmente com a gestão do Haddad, quando o PET passa

a ser entendido como um programa diverso, que valoriza a permanência estudantil e democrático e não como um programa que vai gerar uma elite dentro do alunado.

Esse debate sempre está tensionado nos grandes eventos: ENAPET e SUDESTEPET”. No cenário no qual vimos a direita se fortalecendo e assumindo o poder, a nossa principal preocupação era como faríamos para assegurar os valores democráticos que norteiam o programa, como assegurar que esse programa não se descaracterize, que não perca o financiamento. “Neste período ficávamos monitorando e tensos se ia ou não sair o custeio”.

A ex-tutora dá continuidade dizendo que o PET tem essa característica de ser um programa federal dentro de uma universidade estadual. Assim, em 2016, mesmo em contexto de imensa crise na UERJ, quando as bolsas e salários foram suspensos, o PET não parou de pagar as bolsas e de funcionar. “Precisávamos fazer o PET funcionar, apesar do quadro do Estado, porém o PET só funcionava dentro da estrutura da UERJ”, com isso muitas atividades programadas não puderam ser realizadas. Essa realidade não era vivida nos outros programas que a nível nacional. “Precisávamos não nos fragilizar”, trabalhar.

O ano de 2016 era também o ano em que o programa estava comemorando os seus 10 anos, “Tínhamos muitos sonhos e planos de fazer uma grande festa, com mesas e debates... Passamos o ano planejando o evento, mas com muitas limitações para fazer o PET acontecer.” Informa que com isso, não foi possível comemorar em 2016 e a comemoração foi feita somente no início de 2017 e mesmo assim, com muitas frustrações o que impactou na energia do grupo. “Uma coisa que fazíamos era começar nossos encontros do PET lendo uma poesia, porque era um momento que todo mundo estava com muita dificuldade, pois em 2017 ainda tínhamos salários atrasados. Fazíamos isso para animar e criar foco de esperança e força.

Eu acho que o PET foi a nossa grande tábua de salvação, por causa dele e por estarmos no programa acho que muitos de nós permanecemos, falo de mim também e vejo que entre as bolsistas estar no PET foi o que segurou tanto a evasão institucional, quanto a saída do próprio projeto de universidade. Por isso, acho que teve um impacto nessas duas maneiras, positivo de um lado e negativo de outro, por conta dessas tensões que atravessavam o PET”.

Carla, também expõe quais foram as maiores dificuldades e os êxitos durante o seu período como tutora do PET. Informa que uma dificuldade era a permanência dos estudantes na universidade. Muitas vezes, as condições de vida impactam na capacidade de se dedicar, e exemplifica algumas questões que podem ter rebatimentos nesta dificuldade, como questões familiares e algumas situações relacionadas ao trabalho.

“Uma dificuldade que sempre encontrei na tutoria foi na questão do custeio, porque não é claro de como se dá a distribuição do recurso, existe também a dificuldade de utilizar

já que é um custeio que não chega para ser usado ao longo do ano. Gerir esse recurso de uma maneira responsável e efetiva foi uma aprendizagem. Principalmente por conta da sua característica e natureza. Assim, tínhamos muitas necessidades que não podiam contar com o recurso, tínhamos que criar nossas caixinhas para ter algum recursos para as atividades. Nos eventos muitas vezes não tínhamos recursos suficientes para viabilizar a realização dos mesmos. O ideal seria esse recurso ter dois momentos, um no começo do ano e outro no meio do ano. Havia uma dificuldade absurda de utilizar o recurso para pagar o ENAPET e SUDESTEPET”.

Para além das dificuldades, a mesma destaca também os seus êxitos enquanto tutora. “Mesmo com todas as dificuldades o programa é muito bom. A experiência do PET Serviço Social é muito coletiva... É uma potência que não vem do tutor, de uma aluna ou aluno, mas do grupo em geral”. “O PET me transformou, eu sou uma outra professora depois que passei pelo PET, muitas coisas que eu tinha dificuldade, que não era muito a minha forma de me colocar na universidade mudou após o período em que estive com o PET”.

A ex tutora enfatiza que foram feitas muitas coisas bacanas como as pesquisas que mobilizaram a universidade; os eventos que ocorreram por conta da pesquisa e exemplificou o seminário internacional de Juiz de Fora, momento esse que foi muito interessante de trabalho e troca; O Sudeste PET que teve uma experiência indescritível é um momento cômico no qual não tinha gasolina na ônibus da UERJ a caminho do evento. Foram muitas histórias para serem contadas e eternizadas. Finalizando dizendo que isso tudo fortaleceu e trouxe uma experiência que para sempre e isso irá marcar sua vida.

Ademais, deixa claro que mesmo com todas as dificuldades sempre foi necessário buscar maneiras de mostrar que é possível fazer algo de qualidade.

“O PET traz êxito também na transformação que provoca em cada um, na maneira de olhar, nas inseguranças que vão sendo superadas, confiança na sua construção como intelectual, estudante e Assistente Social”

Quando perguntada sobre quais foram os impactos do PET na Faculdade de Serviço Social, ela informa que desde que o programa foi criado, ele tem um impacto muito importante. Primeiro, ter um programa com doze bolsas é um fato muito importante. A presença de um recurso como esse já impacta positivamente. Em segundo, deixa claro que o fator do impacto acadêmico. Pois, existe uma experiência que acontece no PET que é uma formação extra e isso causa um fortalecimento acadêmico muito forte também. “Temos vários estudantes petianos que vão para o concurso, vão atuar na sua área profissional e sabemos que vão trabalhar com muita qualidade. Até mesmo podem seguir a vida acadêmica, acabando por ir para a pós-graduação. Isso faz parte de um dos objetivos da universidade, que é fortalecer a vida profissional e acadêmica”.

Expõe que para os professores também é importante, quem é tutora no PET – só tivemos mulheres à frente. Aprendemos muita coisa dentro do PET, porque não estamos diante de um programa que as rédeas estão em apenas em uma mão, elas estão em muitas mãos, pois faz parte de um grupo que prima pelo trabalho coletivo. “Aprendemos a ter que escutar, não é sempre que a nossa opinião é a que prevalece, somos questionados em reunião constantemente. É uma aprendizagem importante para o professor, que é muito soberano em sala de aula, então poder aprender essa flexibilidade, aprender a escutar, a reencontrar outros caminhos e a negociar se fazem importante”.

Por fim, finaliza dizendo que o PET tem uma importância nas políticas existentes dentro da faculdade e em uma universidade em que temos somente três PETs. Isso acaba trazendo um certo prestígio e muitas responsabilidades.

Foi perguntada também sobre a importância que a bolsa possui. Coloque que se faz muito importante, uma vez que não conseguiria realizar esse trabalho, ter essa dedicação com o programa, se tivesse que correr atrás de bolsas que possam existir por aí afim de financiar o mesmo. “Não teríamos como ter essa experiência no PET, pois ele é uma imersão, exige uma dedicação muito grande. Tanto que todo mundo que passa no PET deixa as outras atividades que possuem, pois não dá para levar tudo junto. Para isso precisamos desse suporte, não podemos dizer que é uma bolsa permanência para o docente, mas tem sua relevância para a dedicação e investimento que a tutoria precisa fazer no programa”.

Questionada sobre as contribuições que acredita ter deixado como tutora Carla diz que cada tutora que passa deixa sua marca, pelas próprias características e pela forma que o PET Serviço Social da Uerj se constitui, pois ele vai se modificando na medida em que cada tutora entra e traz sua área de estudo, de trabalho e atuação. “É um programa aberto para receber essas influências. Não são todos os programas que funcionam dessa maneira, alguns já tem um projeto estabelecido, quando o tutor entra ele adere esse projeto, mas não é o caso do PET Serviço Social. Cada docente vem trazendo as suas contribuições, e isso ajuda a fazer uma marca. Para mim ficou marcado no evento dos 10 anos do programa, porque com a linha do tempo, vimos de perto cada questão que marcou determinados períodos e tutorias”.

Enfatiza que em sua tutoria o projeto de violência de gênero foi bem estruturado e culminou no evento dos dez anos, denominado de grande evento. “Foi um evento lindo e que me marcou profundamente. A gente vinha construindo um trabalho em que eu só consegui enxergá-lo ali, naquele momento. Foi uma atividade que seguiu a tradição do PET, de um debate acadêmico junto com um debate cultural. “Quando eu entrei, eu fui buscando ver se seguiria a lógica do “metrô mangueira”, uma experiência desenvolvida pela Mônica, tutora anterior a minha entrada ou se partiríamos para algo novo, então estávamos nos encontrando. No fim, em 2017, o que de fato decidimos foi nos encaminhar para uma

pesquisa dentro da universidade, então dali fomos pensando em todas as atividades do PET em torno desse eixo”.

“No PET fizemos uma atividade que eu não sabia se daria grandes frutos, que foi lermos textos de literatura e fomos fazendo uma rotação de livros entre o grupo, de acordo com as autoras que tínhamos escolhido. Era uma experiência lúdica, em que não sabíamos como ela iria alimentar as atividades do PET, mas no final do “grande evento” apareceu uma coisa linda, apareceu toda poesia que estimulamos ao longo do tempo.

Em cada parte do evento, tinha um pouco de poesia, até no lanche que intitulamos de “lanche de macabeia”. Então essa parte lúdica das nossas atividades estava dentro do debate de gênero, raça e classe e ajudou a pensarmos em uma universidade livre de preconceitos e violências, nos fazendo perceber o quanto que ainda temos que construir dentro desse espaço um outro tipo de sociabilidade e como precisamos mudar para além de valores, as estruturas que ainda são elitistas, que ainda excluem as mulheres negras, trans, trabalhadoras. Então, conseguimos falar sobre tudo isso por meio da literatura”.

“Além disso, também teve a atividade do slam: vieram duas artistas maravilhosas e vimos mulheres lésbicas, dentro da universidade, expressando arte e falando da condição das mulheres. Esse evento foi todo pensado no grupo, ver as alunas na mesa de debate ao invés de professores foi incrível, lindo, emocionante e gratificante. Ver a culminância do nosso trabalho, de tudo que viemos construindo devagarzinho ao longo de três anos juntos”.

Finalizando exemplificado também um outro momento que foi bem importante dentro de sua trajetória como tutora. “Um outro momento bacana para mim foi a vinda do grupo de teatro “Tá na rua” na UERJ, foi um momento marcante e difícil pelo que simboliza trazer um grupo de teatro, pois não tínhamos muitos recursos para isso. Mas o grupo veio e muito movido pela situação da UERJ, pois a universidade ainda estava se recuperando da crise. O “Tá na rua” fez uma apresentação belíssima na concha acústica sobre a questão das mulheres na universidade. Os dois eventos fizeram a gente discutir a formação acadêmica de forma que não estivessem descoladas da vida e da cultura. Foi bem intenso”.

Em relação à importância do programa para a sociedade, a ex-tutora diz que acha que a ideia do PET, como um programa que junta esse tripé “Ensino, Pesquisa e Extensão”, acaba sendo um grande desafio da universidade – principalmente da universidade pública – “E como se faz isso? A gente tateia, experimenta formas, mas eu acho que a importância do PET para a sociedade está atrelada à importância da universidade para a sociedade. Se a gente entende um projeto de sociedade como algo que não se destina à formação de uma pessoa individualmente. Eu acho que a universidade cumpre o seu papel crítico, é um papel que aposta no coletivo (...) tem que enfrentar essa ideia de meritocracia (...) e tem que entender que os fracassos e os sucessos são coletivos e devem ser coletivamente compartilhados e enfrentados. No PET sabemos e acreditamos na ideia de que os

conhecimentos que são gerados coletivamente. Essa é a lógica do programa.

“Também tem uma outra coisa que o PET faz para a universidade e para a sociedade que são debates, temas que às vezes a universidade está muito engessada para discutir. (...) Vocês se sensibilizam com temas da vida e trazem isso para dentro da faculdade e provocam a faculdade a discutir essas questões também. O PET é fundamental para fazer essa universidade ficar mais porosa, permeável para a vida e não se encastelar.”

Carla, se recorda também do momento em que mais a marcou durante sua trajetória no programa. “A viagem do Sudeste PET 2018, foi um momento muito marcante. O grupo inteiro tinha ido de ônibus. Foi uma experiência que marcou muito”. Ressalta também um outro momento que a marcou bastante “Uma outra coisa muito marcante foi a Rota Cultural que a gente fez no Museu Casa do Pontal. A visita guiada foi toda cantada, um mergulho que a gente fez na arte brasileira e a gente poder sentir na pele o que são nossos artistas brasileiros (...)”

Já quando a pergunta foi sobre a relação do programa com a UERJ, Carla relata que sempre discutia no PET que faltava uma institucionalidade maior dentro da UERJ. “Isso aparecia em vários momentos, como os que já narrei aqui, foram momentos suados para conseguir ônibus, financiamento, para gente conseguir apoio institucional (...) E a gente entendia que se o PET fosse mais institucionalizado, não teríamos tantas dificuldades para realizar essas coisas”.

Em seguida, se recorda de outras questões envolvendo o programa a instituição de ensino “De um outro lado aparecia problemas com a interlocução, a interlocutora da época já vinha de muitos anos e já demonstrava interesse em querer passar para outra pessoa essa função. Assim, ela apoiava em tudo no que era possível, mas já vinha um desgaste até porque também se via muito sozinha tendo que dar conta de qualquer problema que estourava em relação ao MEC, mas ela não tinha nenhum canal direto e resolutivo dentro do MEC. (...)”.

Reforça, por outro lado, que também foram conquistadas muitas coisas dentro da universidade. “A gente teve conquistas importantes dentro da UERJ, como O Mostra PET, que era uma dentro da UERJ SEM MUROS.

Ressalta também uma certa dificuldade na época de sua tutoria, a relação entre os próprios grupos PET UERJ. Já que não havia muita interlocução entre os programas e isso poderia fazer diferença no fortalecimento dentro da universidade.

Finaliza lembrando do apoio por parte da FSS. “Vale lembrar também que sempre tivemos muito apoio dentro da Faculdade de Serviço Social.” Por fim, a ex-tutora conta como foi a influência do PET na sua vida profissional e pessoal. “O PET me transformou profissionalmente e pessoalmente. Eu aprendi muito com o PET nessa questão de trabalho coletivo profissional e pessoalmente. E no profissional, eu sou uma professora tímida e

tínhamos muitas coisas que eu não me aventurava a fazer ou quando fazia tinha que ter muita batalha para realizar.

O PET me deixou mais desinibida e eu acabei me lançando em muitas coisas e eu dizia: “isso é o PET”, porque eu não faria se não tivesse esse gás todo junto. Então, profissionalmente também me enriqueceu demais. E é sempre muito bonito de ver e de acompanhar como é que vocês vão se desenvolvendo ao longo do tempo. Fico sempre muito emocionada de ver essa entrada e saída, dos que eu pude acompanhar. Dá para gente ter uma esperança na educação, uma esperança de que faz sentido tudo o que a gente defende e faz mesmo com todas as dificuldades. É um programa muito potente! E torna cada um de nós muito potentes!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas reafirmamos quanto o PET é um espaço de intenso aprendizado para estudantes e tutoras. Algumas questões se recolocam permanentemente: o trabalho coletivo, a força de convivência e a alegria com a socialização dos materiais elaborados pelo grupo. Da mesma forma, se recolocam problemas: bolsas baixas, não reajustadas, custeio que chega somente no final do ano, dificuldades de comunicação internas e externas.

Também as conjunturas de crise na universidade pública, as diversas gestões no nível federal e estadual nos impactam, com seu caráter mais conservador ou democrático, o que nos faz pensar: o PET acontece na vida real, com seus problemas e potencialidades. É preciso lutar por ele, estudar bastante, dialogar respeitosamente, reforçar os sentidos da sua existência, que são os próprios sentidos da universidade pública e do educar: aprender para transformar a vida, pois como nos diz Mészáros em sua obra “Educação para Além do capital”, toda educação deve servir para dar respostas aos problemas do seu tempo.

As novidades contidas em cada tutoria, em cada bolsista que chega, que cresce, caminha e segue para a vida profissional nos (re)fortalecem para enfrentar as adversidades.

Neste emaranhado, construímos o PET Serviço Social com cuidado e dedicação.

O PET existe porque resiste. Viva o PET.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

BARBOSA, Rosângela. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

MARLOVA, Elaine. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

TEREZA, Alba. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021

SOBRE OS AUTORES

AMANDA GOULART DOS SANTOS MACHADO - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

BRUNO HIAGO DOS SANTOS FERREIRA - graduando em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2022.

CARLA CRISTINA ALMEIDA - professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CATARINA ALMEIDA DOS SANTOS - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2017.

CLAUDEMILSON ANDRADE MARTINS DA CUNHA - graduado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiano egresso.

DANIELLE GOMES DE OLIVEIRA - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2019.

FERNANDA CRISTINA DE ASSIS SILVA - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

FERNANDA FEITOSA GÓES TERRA LACHINI - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

HELIZIANE CRISTINA FRANCO DE OLIVEIRA - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2018.

ISABELA DE ARAÚJO DOS SANTOS - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

JÔNATAS DOS REIS NOGUEIRA - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2020.

LARISSA GONÇALVES GOMES - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

LARISSA CARDOZO TEIXEIRA - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

LIANDRA PRISCILA PAZ SANTOS - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2020.

LUANA EL-AMME JAYME - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

LUCAS GOMES SIMPLICIO - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

MAYARA MENDES DE OLIVEIR - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

NATALIA DA SILVA NEVES - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

PRISCILLA NUNES ALVES MOREIRA - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

RAFAELLA PERES ENNES DE SOUZA - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

RENAN BARROS - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

ROSIANE BETTECHER DA SILVA - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2017.

SIMONE ELIZA DO CARMO LESSA - assistente social com experiência na política de educação, tutora do PET de 2019 a 2022, Professora Adjunta no Departamento de Política Social, da Faculdade de Serviço Social/UERJ.

THAYNÁ OSÓRIO MONTEIRO - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2019.



QUINZE ANOS do PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



QUINZE ANOS
do
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br